

Criança versus tecnologia

Tenho visto pais orgulhosos por seus filhos usarem a tecnologia como forma de diversão. Porém, essa atitude tem consequências gravíssimas, não só para o desenvolvimento pessoal da criança, mas também para sua vida acadêmica. A criança precisa brincar, e não é preciso ser nenhum especialista em Piaget para ter essa certeza. Ela não passa mais pelo aperfeiçoamento da coordenação motora fina, a partir de massinhas, legos, desenhos disformes com lápis de cera, blocos de encaixe. Ela escorrega os dedinhos pelas telas sensíveis ao toque. Ela não corre, grita, se esconde, procura, acha ou se assusta. Ela se distrai com as telas de LCD. Os efeitos disso se farão presentes em sua vida escolar.

O aluno tem à sua disposição muitas opções tecnológicas de estudo e pesquisa. Por que, então, ele estuda e pesquisa cada vez menos? A geração passada tinha pouca tecnologia e muita vontade de estudar. As enciclopédias eram vendidas a preço de ouro. Líamos, procurávamos livros em bibliotecas até encontrar as informações de que precisávamos. Redigíamos nossos textos algumas vezes, até passarmos a versão final - manuscrita - para a folha de papel almaço, talvez desconhecida de muitos, hoje em dia. Hoje os alunos não precisam mais correr fisicamente atrás das informações. É só dar uma “googada”, como dizem, sem sair da cadeira. Porém, o imediatismo dessas informações não facilitou a vida do estudante - e do professor -, no sentido de fornecer mais fontes e otimizar o tempo de pesquisa. O dispositivo acaba sendo empregado como forma de minimizar o trabalho. As informações não são previamente selecionadas, elas apenas pipocam na tela. Então, quem fará esta seleção? Como ensinar os alunos a fazê-la? Este é o desafio do professorado atual: reensinar alunos a estudar, pesquisar, selecionar as informações obtidas com as pesquisas e aplicá-las numa redação própria. Parece pouco? Nós, professores de português, enfrentamos esse desafio diariamente. Meu solilóquio se deve à qualidade da leitura e da escrita. Como formar bons leitores se as pessoas não leem? Nem tudo que está na internet como fonte de consulta encerra verdades. Como ensinar a discernir essas verdades? Como ensinar a redigir textos com qualidade linguística e de conteúdo? Como ensinar a buscar as próprias palavras e opiniões a partir das de outros? O treino se faz necessário.

Para que isso ocorra de forma eficaz, a criança precisa observar o mundo, suas cores, formatos, movimentos, organizações. É na infância que se cria o bom leitor, o bom escritor, o ser analítico e crítico que buscamos em nossos alunos. Ofereçamos aos nossos filhos o mundo, e também a tecnologia, como ferramenta de acesso a formas de estudo, pesquisa e aprendizagem estimuladas por leituras e decodificações vivenciadas desde a primeira infância. ■



Liliana Angrisani
Professora de português,
pós-graduanda em Gestão Escolar
lilianaaa@ig.com.br